

Eduardo Marks de Marques
Anderson Luis Brum de Freitas

'DO AFROFUTURISMO AO DISTÓPICO: O CARÁTER POLÍTICO-RELIGIOSO DE A PARÁBOLA DO SEMEADOR, DE OCTAVIA BUTLER

RESUMO

Resumo: O presente artigo analisa a obra *A Parábola do Semeador*, de Octavia Butler, lançada em 1993 como o primeiro livro da duologia *Semente da Terra*. Inicialmente, apresenta um debate histórico e de conceituação do afrofuturismo e do gênero distópico. A partir disso, o artigo investiga aspectos importantes para a compreensão da narrativa, como a natureza religiosa do livro devido à fundação de uma religião por parte da protagonista, os aspectos políticos manifestados na sociedade e a forte presença da escravidão durante a obra. Por fim, o artigo busca posicionar a personagem Lauren Oya Olamina como uma figura abolicionista no século XXI, assim, traçando um paralelo com a figura bíblica de Moisés e com a revolucionária abolicionista negra Harriet Tubman.

Palavras-Chave: Distopia, escravidão, política, ficção especulativa.

ABSTRACT

FROM AFROFUTURISM TO THE DYSTOPIC: THE POLITICAL AND RELIGIOUS THEME OF OCTAVIA BUTLER'S PARABLE OF THE SOWER

The present paper analyzes the work *Parable of the Sower*, by Octavia Butler, published in 1993 as the first book of the *Earthseed Series*. Initially, it presents a historical and conceptual debate of Afrofuturism and the dystopian genre. From this, the paper investigates important aspects to the understanding of the narrative, such as the religious nature of the book since a religion is founded by its main character, the political aspects manifested in the society, and the strong presence of slavery throughout the book. In the end, this paper aims to place the character Lauren Oya Olamina as an abolitionist figure in the XXI century, thus, drawing a parallel to the biblical figure of Moses and the black revolutionary abolitionist Harriet Tubman.

Keywords: Dystopia, slavery, politics, speculative fiction.

RESUMEN

DEL AFROFUTURISMO AL DISTÓPICO: LA TEMÁTICA POLÍTICA-RELIGIOSA DE LA PARÁBOLA DEL SEMBRADOR, DE OCTAVIA BUTLER

El artículo analiza la obra *La Parábola del Sembrador*, de Octavia Butler, publicada en 1993 como el primer libro de la duología *Semilla Terrestre*. Inicialmente, presenta un debate histórico y conceptual sobre el afrofuturismo y el género distópico. A partir de eso, el artículo investiga aspectos importantes para la comprensión de la narrativa, cómo su carácter religioso en razón de la creación de una religión por parte de la protagonista, los aspectos políticos manifestados en la sociedad y la fuerte presencia de la esclavitud al largo de la obra. Al final, el artículo visa poner el personaje Lauren Oya Olamina como una figura abolicionista en el siglo XXI, desarrollando un paralelo con la figura bíblica de Moisés y la revolucionaria abolicionista negra Harriet Tubman.

Palabras clave: Distopía, esclavitud, política, ficción especulativa.

INTRODUÇÃO

A obra de Octavia Butler tem ganhado maior popularidade ao longo dos últimos anos após o cenário político de sociedades no século XXI ser ocupado pela extrema direita. Seja através dos Estados Unidos com o ex-presidente Donald Trump com sua marca de campanha “Torne a América Grande Novamente”, ou em outras sociedades influenciadas pela guinada à direita, a obra de Octavia Butler se apresenta como essencial pela riqueza de paralelos históricos com a realidade norte-americana.

A Duologia Semente da Terra contém as obras *A Parábola do Semeador* (1993) e *A Parábola dos Talentos* (1998), e nela encontra-se uma discussão filosófica, cultural e política no imaginário de um Estados Unidos a partir do ano de 2024. Em uma obra que a sociedade está tomada pela desordem e o caos político atrelado ao negacionismo com mudanças climáticas, Octavia Butler oferece como protagonista uma garota negra de 15 anos que é forçada a deixar sua residência – um muro em Robledo – para buscar um lugar melhor para se viver. Além disso, a obra da autora possui um forte teor religioso presente a partir da religião fundada pela sua protagonista – A Semente da Terra.

Conforme a autora aponta em uma entrevista para o site *Democracy Now*:

Religião está em todos os lugares. Não há sociedade humana sem ela, eles reconhecendo como uma religião ou não. Então, eu pensei que religião também poderia ser uma resposta, ao mesmo tempo que um problema. E, por exemplo, *Parábola do Semeador* e *Parábola dos Talentos*, é as duas coisas. Então eu tenho pessoas que estão trazendo à América a uma forma de fascismo, porque a religião deles é a única que estão dispostos a tolerar. Em outro lado, eu tenho pessoas dizendo, ‘bem, aqui está outra religião, e aqui estão alguns versos que podem nos ajudar a pensar de forma diferente, e aqui está uma destinação

que não é algo que precisamos esperar morrer para acontecer’. (BUTLER, 2005, tradução nossa)¹

Sendo assim, a religião apresenta-se como um aspecto crucial na jornada encarada por Lauren durante a narrativa. Somado a isso, na distopia de Butler há flertes com o fascismo desde o primeiro livro. Além disso, as marcas da escravidão e do colonialismo se fazem presentes conforme a obra é desenvolvida. Desse modo, a distopia de Butler é considerada um expoente do afro-futurismo e do gênero distópico.

O protagonismo de Lauren Oya Olamina, uma adolescente negra de 15 anos, representa uma mudança de perspectiva para a forma como mulheres negras poderiam aparecer em narrativas de ficção científica. Ao longo das *Parábolas*, Lauren se assemelha à imagem de uma personagem salvadora em um contexto distópico e, assim, lidera uma nova comunidade criada a partir de sua religião – A Semente da Terra.

Portanto, o presente artigo estará dividido ao longo de quatro seções. Primeiro, atravessará uma discussão histórica entre o conceito de afrofuturismo e a sua relação com o gênero distópico. Depois disso, a segunda parte debate a elevação de *A Parábola do Semeador* como uma obra pertencente ao gênero distópico representante do movimento afrofuturista. Na sequência, destaca os aspectos da escravidão e as movimentações políticas da obra. Na conclusão, o artigo debate a personagem Lauren Oya Olamina e a sugere como uma figura abolicionista do século XXI.

AFROFUTURISMO E DISTOPIA

O afrofuturismo é um movimento estético que tem como característica visar contribuir para o imaginário de um futuro a partir da construção de pessoas negras tendo como centralidade a cultura (não apenas) diaspórica africana. Tendo isso em mente, o afrofuturismo se manifesta em diversos pontos de cultura de diferentes povos. Nas artes, tem-se filmes como *Pantera Negra*, diretores como Jordan Peele e artistas como Beyoncé

que se destacam através da centralidade de um senso estético africano atrelado à uma perspectiva futurista em seus recentes trabalhos. Partindo desse pressuposto, também encontram-se manifestações do afrofuturismo na literatura de autores negros espalhados em todo o globo. O escritor Mark Dery foi quem cunhou o termo “Afrofuturismo” nos anos 90 ao fazer uma análise de obras literárias da época em seu ensaio “Black to the future” [Negro para o futuro], em que o autor entrevista três escritores negros – Samuel R. Delany, Greg Tate e Tricia Rose. Segundo Dery:

Ficções especulativas que tratam sobre temas afro-americanos e se relacionam com preocupações afro-americanas no contexto da tecno-cultura do século vinte – e, mais genericamente, a significação afro-americana que se apropria de imagens da tecnologia e um mundo prosteticamente aperfeiçoado – talvez, pela necessidade de um termo melhor, sejam chamadas de Afro-Futurismo. (1994, p. 180, tradução nossa).²

No entanto, ainda que tenha sido criado na década de 90, o movimento afrofuturista não tem seu início nessa época. As primeiras manifestações afrofuturistas se fazem presentes desde a década de 50 através da publicação de *Invisible Man* [Homem Invisível], obra de Ralph Ellison considerada como “marco zero” do afrofuturismo e que foi publicada em 1952. Com isso, o termo criado por Dery acabou desempenhando o papel de classificar uma série de obras da época em um determinado movimento, logo, direcionando discussões a partir de uma nova corrente crítica.

Em 1998, a escritora Alondra Nelson fundou uma comunidade online intitulada “Afrofuturismo” para que artistas e estudantes tivessem a oportunidade de discutir obras de ficção científica que envolvessem questões relacionadas com o afrofuturismo. Sendo assim, a professora visava debater as características presentes em obras que pudessem ser consideradas pertencentes ao movimento. Segundo Nelson (2002, p. 9, tradução nossa), o Afrofuturismo pode “ser ampla-

mente definido como ‘vozes afro-americanas’ com ‘outras histórias para contar sobre cultura, tecnologia e coisas que estão por vir.’”³ Desse modo, a definição de Nelson entra em convergência com a conceituação proposta por Mark Dery anteriormente.

Além disso, a autora e os participantes da comunidade formaram uma lista de atributos de manifestações da arte que fizessem parte do afrofuturismo, assim, não parando apenas na literatura como também trabalhando com a música e outros aspectos tecnológicos com a presença da cultura negra. Na lista da autora, as obras precisam conter: “imagética sci-fi, temas futuristas e inovações tecnológicas na diáspora africana.” (NELSON, p. 9, tradução nossa)⁴ para que sejam exemplos do movimento. O grupo de pesquisas da escritora resultou em um simpósio chamado “Afrofuturismo|Forum”.

O afrofuturismo, portanto, possui um forte vínculo com a literatura de ficção científica de autores negros – já que conseguem estabelecer as características presentes na lista de Nelson ao longo de suas obras. O movimento não apenas trabalha com aspectos da cultura negra atrelados à imagética futurista, mas exige também momentos de reflexão sobre o passado do povo, seja através da centralidade africana ou com reflexões diaspóricas ao redor do planeta. Afinal, o afrofuturismo busca devolver ao negro o papel de protagonista que lhe é retirado pelos reflexos do colonialismo na sociedade.

Visto que o afrofuturismo na literatura está intrínseco a ficções especulativas, torna-se necessário relacionar com o gênero distopia. Segundo o autor e professor Gregory Claeys (2017, p. 273), o termo distopia tem sua origem em 1747 e inicialmente era chamado de “dustopia”. Já em 1748, “distopia era definida como um país infeliz”⁵. No entanto, o termo acabou não sendo usado com constância na época. Ao longo do século XX, a distopia começa a aparecer na literatura (CLAEYS, 2017). Já que o gênero distópico possui complexidades que o tornam amplo, as “distopias não são reduzidas a história de ideias” (CLAEYS, 2017, p. 273, tradução nossa)⁶.

Todavia, é inegável que as distopias estão relacionadas aos aspectos culturais que buscam refletir sobre os povos. Como é escrito por Claeys (2017, p. 274, tradução nossa)⁷, as distopias aparecem a partir dos seguintes conflitos: “como controlar a industrialização, o aumento da pobreza, a concentração de riquezas, a uma tendência até o coletivismo que solucione esses problemas.”

O acadêmico Lyman Tower Sargent apresenta a ideia de que a distopia era um “lugar ruim” que tradicionalmente era uma “extrapolação do presente que envolvia um aviso”⁸. Conectando isso ao afrofuturismo, as obras distópicas do movimento por consequência trabalham com acontecimentos anteriores sobre a cultura negra, como a escravidão, a exploração e o colonialismo. Segundo Sargent, as distopias ou utopias negativas são histórias que tratam de:

uma sociedade inexistente descrita em detalhes consideráveis e normalmente localizadas em tempo e espaço que o autor pretende que o leitor contemporâneo conseguida vê-lo consideravelmente pior do que a sociedade que o leitor viveu. (SARGENT, 1994, p. 9, tradução nossa)⁹

Desse modo, as distopias possuem um senso futurista vinculado com as realidades vigentes da sociedade da época.

Gregory Claeys atenta para que:

as distopias, talvez, logicamente envolvam alguma imersão dessas qualidades, um ‘pesadelo social’ para um grande número de pessoas, ou ‘um texto em que o leitor compreenda como um alarme mais do que como esperança. (2017, p. 280, tradução nossa).¹⁰

Assim, as distopias também provocam reflexões do leitor quanto ao universo ao seu redor. Mesmo que como consequência a esperança não seja o destaque, a interpretação de que a distopia age como um alarme desperta o interesse para se realizar reflexões conectadas à narrativa e à realidade.

OCTAVIA BUTLER, AFROFUTURISMO E RELIGIÃO EM A PARÁBOLA DO SEMEADOR

Uma das autoras que emergem no afrofuturismo estabelecendo uma conexão com o gênero distópico é a escritora Octavia Butler, autora da duologia “A Semente da Terra” – que tem como livros *A Parábola do Semeador* e *A Parábola dos Talentos*. Segundo Ytasha L. Womack:

Em um espaço sci-fi extremamente masculino em que a ciência e a tecnologia dominam, Butler proveu um novo modelo para como mulheres, particularmente mulheres de alguma cor, poderiam operar nessas realidades enviesadas e mundos distantes. Butler definiu o palco para mulheres negras multidimensionais em mundos complexos no passado e no futuro, mulheres que são vulneráveis nas suas vitórias e valentes nas suas tentativas arriscadas de iluminar a humanidade. (2013, p. 110, tradução nossa).¹¹

Em *A Parábola do Semeador*, Octavia Butler proporciona reflexões trazidas a partir de uma interpretação futurista da sociedade norte-americana, os Estados Unidos entre os anos de 2024 e 2027. A obra é narrada em primeira pessoa iniciando cada capítulo através de trechos do livro religioso escrito por Lauren Oya Olamina, uma adolescente negra de 15 anos que possui a síndrome da hiperempatia.

Ao longo da obra, a personagem Lauren passa por transformações que resultam em um caráter protetor para com sua comunidade – de início, com sua família e, posteriormente, com os membros de sua religião. Por ser filha de um ministro batista, Lauren cresceu com os impactos trazidos pela religião. Todavia, já no segundo capítulo da narrativa Lauren se mostra descrente em relação à fé mantida por sua família. Segundo Lauren: “Há pelo menos três anos, o Deus de meu pai deixou de ser o meu Deus. A igreja deixou de ser a minha igreja.” (BUTLER, 2020, p. 16). Ainda assim, a garota já atenta para a informação de que possui uma fé: “Meu Deus tem outro nome” (BUTLER, 2020, p. 16). A fé de Lauren posteriormente é revelada como a religião criada

pela personagem ao longo de sua infância e adolescência, a Semente da Terra.

Em seu artigo intitulado “Your God is a Racist, Sexist, Homophobic, and a Misogynist...Our God is Change”: Ishmael Reed, Octavia Butler and Afro-futurist Critiques of (Black) American Religion”, o autor Michael Brandon McCormack estabelece uma relação envolvendo o impacto do afrofuturismo nas religiões discutidas em duas obras literárias: *The Preacher and the Rapper*, de Ishmael Reed, e *As Parábolas*, de Octavia Butler. Na obra de Octavia Butler, há um forte caráter religioso e feminista na sua construção. Segundo McCormack:

Além disso, eu vejo essa trajetória de pensamento mais consistente com o argumento da pesquisadora mulherista sobre religião Linda E. Thomas, que não apenas o futuro da teologia negra deve envolver uma maior atenção para políticas de gênero e sexualidade, mas que a teologia negra também deve ser uma teologia de libertação para a juventude negra. (2016, p. 9, tradução nossa).¹²

A Parábola do Semeador prospera na tentativa de apresentar uma narrativa em que sua protagonista (uma adolescente negra) busca a libertação das amarras presentes na concepção de momento de seu país. Durante a obra, Lauren precisa enfrentar uma sociedade em situação caótica. O cenário dos Estados Unidos do século XXI é doloroso e prejudicial para pessoas que não possuem um alto nível social. Lauren inicia a narrativa vivendo em um muro de bairro em Robledo, região perto de Los Angeles:

Que loucura viver sem um muro como proteção. Mesmo em Robledo, a maioria da população da rua - vagabundos, bebuns, drogados, pessoas desabrigadas de modo geral - é perigosa. São desesperados, malucos ou as duas coisas. É o suficiente para tornar as pessoas perigosas. (BUTLER, 2020, p. 20).

Conforme o desenrolar do começo da obra, o muro de Lauren passa a ser atacado por saqueadores. Nesse momento, Lauren passa a assumir seu papel de protetora que permanece durante toda a duologia. A personagem traça planos e busca organizar sua pequena comunidade para que todos tenham a possibilidade de sobreviver em eventuais ataques em maior número.

No entanto, ela pouco o é ouvida pelos adultos ao seu redor – tendo em seu pai sua maior decepção, mas também sua maior fonte de apoio, já que ele decide tomar atitudes para aumentar a patrulha do bairro. O pai de Lauren tenta que sua comunidade consiga se manter mesmo com o momento enfrentado, mas todas suas defesas acabam sendo falhas pelo contexto que o cerca.

Ademais, a situação perniciosa vivida por Lauren e sua família é vista como posição de privilégio posteriormente na narrativa após seu muro ser derrubado por rebeldes que não representavam em completude as classes menos favorecidas do estado. Ao presenciar seu bairro ser atacado e, com isso, perder completamente o contato com seus familiares, Lauren relata brevemente sobre os agressores:

Acho que eles eram viciados em piro - pessoas carecas com as cabeças, os rostos e as mãos pintados. Caras vermelhas, caras azuis, caras verdes, bocas gritando. Olhos ávidos, malucos, brilhando à luz do fogo. (BUTLER, 2020, p. 188).

A descrição de Lauren implica que as pessoas envolvidas no ataque não estavam fazendo-o por necessidade, mas sim com o objetivo de passar uma mensagem – o que é recuperado em:

“Ela morreu por nós”, dissera a catadora sobre a pintada de verde. Um tipo de movimento maluco de “incendiar os ricos”, Keith dissera. Nunca tínhamos sido ricos, mas, para os desesperados, parecíamos ricos. Estávamos sobrevivendo e tínhamos nosso muro. Nossa comunidade morrerá para

que os viciados pudessem fazer um apelo político e ajudassem os pobres? (BUTLER, 2020, p. 200).

Devido aos ataques, Lauren inicia a sua jornada em busca de um local para se estabelecer ao lado de dois amigos – Harry Balter e Zahra Moss. É ao longo de sua jornada que Lauren assume o papel de uma profeta através da tentativa em trazer pessoas para a sua fé – A Semente da Terra. Portanto, a religião é um aspecto central da obra. Segundo McCormack, há uma necessidade em destacar o papel desempenhado pelo afrofuturismo nas histórias religiosas negras:

Nesse caminho, o Afrofuturismo chama a atenção para uma consideração mais séria não apenas das músicas e das narrativas de “ancestrais” e “anciãos”, mas também para produções culturais, inovações tecnológicas e a luta sociopolítica da juventude negra, e das gerações que ainda estão por nascer. (MCCORMACK, 2016, p. 8, tradução nossa)¹³

Tendo isso em mente, em *A Parábola do Semeador* tem-se uma narradora adolescente que representa uma juventude insatisfeita com o que vivencia no cotidiano da sociedade. Por consequência dos acontecimentos da obra, Lauren precisa amadurecer rapidamente ao ganhar maior responsabilidade junto com a tentativa de estabelecer A Semente da Terra como uma comunidade. Ainda assim, é na personagem de Laurence, o pai de Lauren, que se encontra resistência e pragmatismo para acreditar nas ideias da garota para uma melhor chance de sobrevivência da comunidade em Robledo. Enquanto Lauren pensa no futuro, Laurence tem a mente no passado de glórias americanas. A frustração de Lauren fica evidenciada quando a garota reflete sobre os impactos de ir até a igreja se batizar e a representação trazida por esse movimento:

Para os adultos, sair e ir a uma igreja de verdade era como voltar aos bons tempos quando existiam igrejas em todos os lugares, além de muitas luzes, e quando a gasolina servia para

abastecer carros e caminhões, e não para atear fogo às coisas. Eles nunca perdem uma chance de lembrar os bons tempos e de contar às crianças como vai ser incrível quando o país se reestruturar e os bons tempos voltarem. (BUTLER, 2020, p. 17).

Com isso, ir à Igreja possui um forte vínculo afetivo com o passado das pessoas mais velhas – os “anciãos” propostos por McCormack. Enquanto se está vivendo em uma sociedade marcada pelo incômodo para com o modelo atual de vida, jovens como Lauren possuem dificuldades em acreditar que o passado possa ter sido superior qualitativamente ao que se é enfrentado. Assim, cabe aos mais experientes – como Laurence e, posteriormente, Bankole – trazerem as repercussões e as marcas do passado. Desse modo, no livro tem-se o reflexo de ancestrais e anciãos rememorando o passado, mas também há o debate em relação ao futuro de gerações mais jovens – desesperançados com a sociedade que vivem.

Já que no livro temos uma sociedade que não apresenta esperança para o presente, Lauren coloca na centralidade da formação de sua religião o pensamento para o futuro. A religião de Lauren apresenta como ideia básica a mudança. O verso mais conhecido de A Semente da Terra consta que:

Tudo o que você toca
 Você Muda.
 Tudo o que você Muda
 Muda você
 A única verdade perene
 É a Mudança.
 Deus
 É Mudança
 - Semente da Terra: os livros dos vivos
 (BUTLER, 2020, p. 102).

Dessa maneira, o conceito de mudança torna-se essencial para uma melhor compreensão da obra. Mudança, para Lauren, está vinculada com a ideia de esperança para um futuro melhor. Como não há possibilidade

de melhora instantânea no presente, a personagem tem conhecimento que é preciso trabalhar visando um futuro melhor em sociedade. É com isso em mente que o segundo grande conceito da religião de Lauren aparece, o seu Deus é “moldável”, ou seja, depende da ação humana para trazer resultados. Nas tradições religiosas vigentes na obra, momentos de oração sempre estão intrínsecos a um momento de fé para que a “entidade superior” entre em ação para melhorar a vida das pessoas. Contudo, na religião de Lauren não há espaço para a inércia humana. O Deus de Lauren necessita ser moldável para evitar com que a crença dos seus praticantes fique apenas na fé, assim, os indivíduos precisam agir para afetar a sua realidade.

Outrossim, Lauren visualiza o espaço como o objetivo final de *A Semente da Terra*: “O Destino da Semente da Terra é criar raízes entre as estrelas” (BUTLER, 2020, p. 100). Desde o início da obra, Lauren apresenta estar interessada pela corrida espacial e reflete negativamente quando alguma notícia sobre falta de investimento do governo na corrida espacial aparece. Lauren vê o espaço como o futuro da população, visto que tudo está sempre mudando de acordo com os conceitos de sua religião.

A promessa de Lauren representa um destino físico e alcançável pelo homem. Ao invés de trazer possibilidades vinculadas diretamente com a fé em uma entidade no pós-vida, Lauren é clara sobre o seu destino. Em vista disso, a personagem afasta a sua religião de uma figura antropomórfica autoritária. O “paraíso”, portanto, é realista. O homem consegue em vida agir para cumpri-lo, mesmo que seja um futuro que está mais na linha da possibilidade do que na da certeza. No entanto, o destino traçado por Lauren também representa a forma como a personagem não possui esperanças no mundo atual. Como tudo está sempre em constante mudança em sua religião, Lauren não consegue enxergar um futuro na terra. A personagem sabe que mudanças ocorrerão e as populações precisarão se adaptar às novas realidades proporcionadas a partir das mudanças.

POLÍTICA E ESCRAVIDÃO EM *A PARÁBOLA DO SEMEADOR*

Ao longo do primeiro livro da duologia *Semente da Terra*, Octavia Butler explora o gênero distópico a partir do “cenário” de uma face da direita política. Em *A Parábola do Semeador*, a presidência dos Estados Unidos está nas mãos de Christopher Donner – líder da direita americana que representava o discurso libertador de retorno ao passado através de privatizações. No entanto, o governo havia perdido toda e qualquer confiança existente por parte da sociedade, assim, sendo um cenário em que não existe manutenção da ordem, defesa de direitos humanos, proteção ao meio ambiente e uma grande disparidade econômica entre os bairros e cidades:

O Estados Unidos distópico de 2024 é uma utopia para aqueles que advogam por um governo pequeno, impostos baixos, mercado desregulado, corporações com total liberdade, riqueza e poder sem controle, e a desvalorização e difamação da vida política e de projetos públicos. (STILLMAN, 2003, p. 17, tradução nossa)¹⁴

Dessa forma, na distopia criada por Butler os mais pobres ficam mais pobres, os ricos ficam mais ricos, as minorias são vilipendiadas e a exploração se intensifica – principalmente quanto ao mercado de trabalho, abrindo para a evidência da escravidão.

Por parte da protagonista, o destaque ao longo do primeiro livro está na forma como o discurso comum era de rejeição à política:

A maioria das pessoas desistiu dos políticos. Afinal de contas, os políticos têm prometido trazer de volta a glória, a riqueza e a ordem do século XX desde que me conheço por gente. (BUTLER, 2020, p. 32)

De acordo com Matthew Wood, a antipolítica é “um fenômeno social de declínio no interesse e engajamento

político provocado por discursos, políticas e instituições neoliberais” (2016). Em *A Parábola do Semeador*, identificamos a antipolítica no discurso de rejeição às vertentes democráticas preconizadas pela narrativa.

Dessa maneira, a despolitização é um dos aspectos cruciais para compreender o cenário vivido por Lauren nos Estados Unidos futurista. Através disso, a obra de Octavia Butler chega à problemática da baixa credibilidade de instituições que compõem um país. Nas Parábolas, não há confiança em nada que envolva o governo, e, com isso, temos a presença de desconfiança em novos personagens políticos e os seus papéis na história. Por essa razão, muitas pessoas não desejam votar.

O pai de Lauren, que inicialmente declara voto em um dos presidenciáveis, acaba mudando de ideia: “Meu pai acabou decidindo não votar no Donner. Ele não votou em ninguém. Disse que os políticos lhe davam enjojo.” (BUTLER, 2020, p. 40). Novamente, a desconfiança se faz presente como uma marca da obra.

Além disso, a educação é outro instrumento importante na distopia de Butler. Segundo Lauren, grande parte da população era analfabeta. Com isso, apenas gerações anteriores e jovens que poderiam aprender em casa tinham acesso à educação em algum nível. Sendo filha de um ministro batista e professor, Lauren se destaca nesse aspecto por ter a oportunidade de aprender com a sua família. Futuramente, Lauren utiliza sua aprendizagem para ajudar na educação da sua comunidade – a Bolota.

O ódio às instituições também aparece em outros momentos da narrativa. A polícia se manifesta como parte essencial da obra de Butler. Em *A Parábola do Semeador*, o discurso da protagonista é de total rejeição ao papel desempenhado pela instituição do estado. No início da obra, Lauren já comenta sobre a desesperança em relação à corporação: “A menos que aconteça na frente de uma delegacia, nunca há testemunhas.” (BUTLER, 2020, p. 31). Ao longo da obra, a protagonista também oferece mais reflexões sobre a polícia após seu irmão Keith ser assassinado:

Os policiais saíram investigando pelo bairro, mas ninguém mais admitiu saber algo sobre a briga. Afinal, eles sabiam que meu pai não tinha matado Keith. E sabiam que os policiais gostavam de resolver casos “descobrimo” evidências contra quem quer que decidissem que podia ser culpado. Era melhor não dar nenhuma informação a eles. Nunca atendiam quando as pessoas pediam ajuda. Vinham mais tarde e, com frequência, tornavam uma situação ruim ainda pior. (BUTLER, 2020, p. 142-143)

Portanto, a violência policial junto da falta de confiança na polícia por parte dos moradores gera conflitos na obra que resultam na falta de segurança nas ruas. Na distopia de Butler, é comum encontrar pessoas que são saqueadas, casas que são depredadas e famílias que são atacadas sem nenhum tipo de tentativa de recuperação de bens perdidos ou investigações sobre o assunto por parte da polícia. Desse modo, a narrativa contém um discurso crítico em relação ao papel desempenhado pela polícia na sociedade.

A obra de Butler, portanto, retira os Estados Unidos do seu status de nação da liberdade e o eleva ao patamar de um país com situação completamente tumultuada sem qualquer tipo de controle para com os acontecimentos na sociedade. Ademais, a dominação por parte de corporações privadas se faz cada vez mais realidade na obra, gerando instabilidade para a população. Na narrativa, as oportunidades de trabalhar se apresentam inexistentes.

Um fator trazido pelo governo ao longo de *A Parábola do Semeador* é a relação existente entre o destaque dado para empresas privadas e a consequência na diminuição dos direitos humanos. Com o crescimento das chamadas cidades corporativas, a família de Lauren possui a possibilidade de se mudar para uma destas cidades, visto que seu pai e sua madrasta eram pessoas com grau de estudo. No entanto, Lauren não se apetece pela possibilidade por interpretar que a situação geraria “escravidão por dívida”:

Qualquer pessoa contratada pela KSF teria dificuldade para sobreviver com o salário oferecido. Não demoraria muito e acredito que os novos contratados estariam devendo para a empresa. É um truque antigo de cidades operárias - deixar as pessoas com dívidas, prendê-las e explorá-las. Escravidão ligada à dívida. Isso poderia funcionar na América de Christopher Donner. Leis trabalhistas, estaduais e federais não são mais o que já foram. (BUTLER, 2020, p. 151)

A conexão formada por Lauren entre escravidão e realidade relaciona-se diretamente com o cenário distópico vivido – como a personagem não possui referências do passado escravista, ela termina por pensar que a escravidão só seria possível através da nova América, a de Christopher Donner. As corporações adquiriram o comando de cidades que se encontravam em situações calamitosas e aproveitavam para atrair novos moradores com a promessa de um trabalho. Somado a isso, o serviço desempenhado era acompanhado de alta vigilância de equipes de segurança aliadas junto de salários pequenos, assim, com os novos moradores não seriam capazes de fazer o pagamento por sua estadia.

O pai de Lauren, Laurence, busca associar a KSF ter o controle de uma cidade com a forma como negros enfrentavam plantações durante o período da escravidão antiga:

Esse negócio parece meio ressurgimento do pré-guerra e meio ficção científica. Não confio nisso. A liberdade é perigosa, Cory, mas também é preciosa. Não dá para simplesmente descartá-la ou permitir que ela escape. Não dá para vendê-la por pão e mingau. (BUTLER, 2020, p. 153).

A reflexão de Laurence provoca um diálogo da distopia com o passado escravista americano, apontando-o para o futuro da sociedade da narrativa.

Em conversa com sua amiga Joanne, Lauren revela a sua desconfiança com o governo do atual presidente:

Quero dizer que ele é como... um símbolo do passado ao qual podemos nos segurar enquanto somos empurrados para o futuro. Ele não é nada. Não tem conteúdo. Mas tê-lo ali, o mais novo em uma série de dois séculos e meio de presidentes americanos, faz as pessoas sentirem que o país, a cultura com a qual cresceram, ainda existe. Que todos passaremos por esse período ruim e voltaremos ao normal. (BUTLER, 2020, p. 73)

Posteriormente a conversa, Joanne conversa com seus pais e parte para cidade de Olivar – uma das cidades corporativas da obra. Ainda assim, a figura de Christopher Donner é marcada pela tentativa de retorno a um passado americano – mas tudo isso acaba sendo frustrado pelo caos já implantado na sociedade. Lauren chega a refletir se cidades controladas por empresas são o futuro da sociedade:

Talvez Olivar seja o futuro - uma face dele. Cidades controladas por grandes empresas são velhas conhecidas na ficção científica. Minha avó deixou para trás uma estante cheia de romances desse tipo. O subgênero da cidade operária sempre pareceu apresentar um herói que era mais esperto e que venciam ou escapava “da empresa”. Nunca vi nenhuma em que o herói lutava muito para ser aceito e mal pago por ela. Na vida real, é assim que será. E assim que é. (BUTLER, 2020, p. 154-155)

Contudo, por ser uma jovem que cresceu já no século XXI em um cenário em que a educação estava completamente desvalorizada e voltada para pessoas ricas, Lauren tem em mente apenas as mazelas da escravidão que se tornam conhecimento por meio de estereótipos. Lauren inicialmente não oferece muito conhecimento sobre as relações exploratórias de trabalho presentes na sociedade americana que vive, mesmo sabendo que há uma enorme dificuldade para se conseguir trabalhos. A garota atribui os problemas de emprego à falta de segurança para circular entre as cidades, ainda assim, o impacto do discurso geralmente atribuído à escravidão

a atinge. Segundo Hodge (2020, p. 2, tradução nossa): “Isso é o que Butler tenta mostrar aos leitores: que para a população moderna, a escravidão só pode existir na distopia, assim, cegando as pessoas da realidade da sua existência na realidade contemporânea.”¹⁵

Os estereótipos do negro escravo do período da escravidão antiga são evidenciados quando Lauren chega ao contato de Travis e Natividad - um casal encontrado durante a busca por água na jornada da garota. Quando Travis a questiona sobre a sua religião, Lauren o responde - mas durante a conversa sempre busca conectar a história de Travis com fatos históricos presentes na escravidão. Isso aparece primeiro ao Travis falar sobre seu relacionamento com livros e a tarefa árdua que era para conseguir ter acesso: “É claro. Escravos faziam isso duzentos anos antes. Eles entravam nos lugares e se informavam da melhor maneira que conseguiam, às vezes sofrendo chibatadas, venda ou mutilação por seus esforços.” (BUTLER, 2020, p. 270-271). Na sequência, Travis discorre sobre o seu casamento com Natividad, para o que Lauren reflete: “O filho da cozinheira se casando com uma das empregadas. Isso era algo de outro tempo também.” (BUTLER, 2020, p. 271). Ao escutar Travis contar sobre as dificuldades enfrentadas antes de fugir com Natividad, Lauren pensa: “Na escravidão, quando isso acontecia, não havia nada que os escravos pudessem fazer a respeito - ou não havia nada que eles fizessem sem acabar sendo mortos, vendidos ou espancados.” (BUTLER, 2020, p. 271), assim, a personagem chega à conclusão que o cenário vivido por Travis não era o de escravidão já que houve a escolha por deixar a casa em que vivia sem que ocorresse retaliações por parte de seus patrões brancos.

Desse modo, a figura de Travis expõe os pensamentos estereotipados presentes na protagonista, mesmo que aconteçam de forma inconsciente e não exatamente reflitam a realidade - os personagens sim, estavam empregados em uma casa com patrões brancos em situação exploratória, mas não é relatado um comportamento de escravidão igual ao Pré-Guerra Civil Americana. Sendo assim, mesmo tratando-se de uma mulher negra protagonista, Butler trabalha com a

ideia de que a escravidão está tão presa ao modelo histórico do período pré-guerra que mesmo a sua existência no modelo contemporâneo de “escravidão por dívida” gera confusões quanto à conexão entre os períodos. Não há como estabelecer uma separação entre a materialidade histórica do acontecimento - a escravidão americana - com a que ocorre e é enfrentada nos Estados Unidos de 2027.

Contudo, o estereótipo visualizado por Lauren acaba sendo desconstruído conforme a personagem segue sua viagem. Durante a sua jornada até o Norte, Lauren se encontra com quatro pessoas que estavam em situação de escravidão por dívida e se juntam ao seu grupo - Emery Tanaka Solis, Tori Solis, Grayson Mora e Doe Mora. Para Emery Solis e sua filha Tori Solis, a descrição oferecida por Lauren é a de que são “as pessoas mais miscigenadas que eu já tinha visto” (BUTLER, 2020, p. 357). Sendo assim, Lauren começa a observar que a escravidão por dívida possui muitas similaridades com a escravidão pré-guerra civil americana. Nesse pequeno trecho, a personagem já consegue visualizar que as vítimas permaneciam sendo pessoas negras/hispânicas/asiáticas, portanto, não-brancas, e a dominação seguia acontecendo por parte de pessoas brancas. Com isso, Lauren traz a explicação do que estava sendo enfrentado no “novo” modelo de escravização americano que acontecia através da dívida:

Os salários eram pagos, mas em moeda da empresa, não em dinheiro de verdade. O aluguel era cobrado dos barracos dos funcionários. Os trabalhadores tinham que pagar pelos alimentos, pelas roupas - novas ou usadas -, por tudo de que precisavam, e, é claro, só podiam gastar o pagamento na loja da empresa. Os salários, que surpresa!, nunca bastavam para pagar as contas. De acordo com novas leis que podiam ou não existir, as pessoas não podiam deixar um empregador a quem devessem dinheiro. Eram obrigadas a trabalhar para pagar a dívida quase como escravas ou detentas. (BUTLER, 2020, p. 358)

Na forma como é explicada por Emery, a escravidão torna-se um modelo de completo controle por parte de empresas. As instituições poderiam determinar o salário de seus empregados e, assim, ter como consequência o aumento das dívidas dos trabalhadores. Já que os trabalhadores haviam perdido seus direitos, não havia escolha quanto ao que poderia ser feito. Novamente, esse modelo de dominação e controle da vida de uma pessoa se relaciona com o período pré-guerra americano. Ainda assim, mais explicações do modelo são oferecidas:

De qualquer modo, tais escravos das dívidas podiam ser forçados a trabalhar mais tempo por menos dinheiro, podiam ser “disciplinados” se fracassassem e não conseguissem cumprir as metas, podiam ser trocados e vendidos com ou sem consentimento, com ou sem suas famílias, para empregadores distantes que tinham necessidade temporária ou permanente deles. Pior, as crianças podiam ser forçadas a pagar as dívidas de seus pais se estes morressem, se tornassem incapacitados ou se fugissem. (BUTLER, 2020, p. 358)

A escravidão por dívida, portanto, torna-se algo hereditário. Não há caminhos para a liberdade no modelo de vida norte-americano. Por meio disso, Lauren compreende melhor a situação vivida pelos novos membros da sua comunidade. Contudo, para Grayson Mora, a descrição é a de “É um latino negro, alto e magro, calado, protetor em relação ao filho, mas atencioso, de alguma maneira” (BUTLER, 2020, p. 361), consequentemente, mais um dos membros a chegar no grupo a partir de uma situação de escravidão é negro. Entretanto, Lauren ainda não possui completa certeza de que se trata de um escravo, mas em conversa com seu já namorado Bankole revela os motivos de sua hipótese:

Por que eu acho que ele era escravo? Aquela estranha hesitação dele se parece muito com a de Emery. E Doe e Tori, apesar de não serem nada parecidas, entendem uma à outra como

irmãs. Crianças pequenas conseguem isso às vezes, sem que queiram dizer qualquer coisa. Simplesmente ser crianças juntas basta. Mas nunca vi nenhuma, além de essas duas, mostrar a tendência de cair no chão e rolar em posição fetal quando assustadas. (BUTLER, 2020, p. 362)

Dessa forma, Lauren nota as semelhanças entre as pessoas que chegam ao seu grupo. Todas elas são reservadas, tímidas e carregam traumas do período de exploração que viveram, sendo crianças ou sendo já pessoas mais velhas. Tendo isso em mente, Lauren consegue convencê-los de que a sua comunidade seria uma boa oportunidade de união para todos os envolvidos.

O ABOLICIONISMO EM LAUREN, MOISÉS E HARRIET TUBMAN

Através de sua jornada, Lauren percorre um caminho de libertação de pessoas em cenários exploratórios visando adicionar para a sua comunidade – A Semente da Terra. Dessa forma, a jornada de Lauren traça com paralelo com a figura bíblica de Moisés, que lidera os israelitas na libertação da escravidão no Egito Antigo. Na Bíblia, Moisés inicia a sua trajetória sendo adotado pela filha do faraó já grande - sendo chamado de Moisés por ser “tirado das águas”. No entanto, somente aos 40 anos Moisés parte para o exílio tendo como objetivo escapar da pena de morte por ter matado um feitor egípcio. Ao conversar com o “Senhor”, a entidade revela o seu desejo para que Moisés liberte os israelitas da escravidão: “Vem agora, pois, e eu te enviarei a Faraó para que tires o meu povo (os filhos de Israel) do Egito.” (BÍBLIA, Êxodo 3:10)

Dessa maneira, Moisés acaba sendo considerado o “escolhido” pela entidade para fazer as suas vontades. Em *A Parábola do Semeador*, a religião criada por Lauren recusa qualquer vínculo com a figura de um Messias que busque guiar a religião. Todavia, a personagem de Lauren age como se tivesse sido a escolhida. Assim como Moisés tem a trajetória de libertação de escravos em busca de uma Terra Prometida, Lauren também

busca libertar o seu povo da escravidão que atinge aos Estados Unidos de 2027 tendo como ideal uma nova sociedade para todos através de sua religião.

Antes de embarcar na sua jornada e ter seu bairro atacado, Lauren já havia refletido sobre como no futuro os escritos do seu livro tinham como objetivo influenciar pessoas na busca de libertação das amarras do passado que as atingiam:

E então, um dia, quando as pessoas conseguirem prestar mais atenção ao que eu digo do que à minha idade, usarei esses versos para libertá-las do passado apodrecido e talvez consiga impulsioná-las para que se salvem e construam um futuro que faça sentido. (BUTLER, 2020, p. 103)

Lauren tem esse pensamento tendo como ideia a questão religiosa, já que a Semente da Terra nem tinha começado a existir para além do conhecimento da personagem. Mesmo assim, como a personagem tem como centralidade em sua religião a importância da adaptação, ela consegue se preparar para o que passa a lidar em seu cotidiano. Como as pessoas que Lauren encontra durante a sua jornada possuem o passado marcado pela escravidão, Lauren se adapta a isso para libertá-las e oportunizá-las a um novo modelo de vida.

É nesse contexto que Lauren Oya Olamina traça um paralelo com Harriet Tubman (1822-1913), mulher negra histórica do período abolicionista norte-americano. Nascida já em situação de escravidão, durante a sua vida Harriet Tubman liderou grupos de libertação de escravos anteriormente à Guerra Civil Americana através de uma rede conhecida como *Underground Railroad*. A abolicionista negra conseguiu libertar cerca de 300 escravos ao longo de 10 anos e, com o tempo, *Harriet Tubman* ganhou o apelido de “Moisés” por parte de seus companheiros abolicionistas. Segundo Catherine Clinton:

Ela estava na lista de pessoas mais procuradas por proprietários de escravos com um preço alto por sua cabeça. Posters com a descrição

de “Moisés”, como ela era chamada, eram proeminente colocados por todo o Sul até a Guerra Civil iniciar. (2004, p. 8, tradução nossa)¹⁶

Butler faz uma referência ao período em *A Parábola do Semeador* quando Lauren diz: “— Então nos tornamos a versão moderna de um grupo de underground railroad — comentei.” (BUTLER, 2020, p. 363).

Assim, Lauren se apresenta como uma liderança abolicionista no século XXI. A personagem atua pela libertação de pessoas, principalmente do seu povo, e oferece uma nova perspectiva de vida para se acreditar. A Semente da Terra se manifesta como uma religião influenciada pela conexão humana que tem por objetivo o bem de todos. Perto da conclusão da obra, Lauren chega a mencionar a sua capacidade de oferecer novas realidades para pessoas que tinham sido escravizadas: “— Mas garanto que se conseguirmos convencer ex-escravos de que eles podem ter liberdade conosco, ninguém vai lutar mais para mantê-la” (BUTLER, 2020, p. 364).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua totalidade, *A Parábola do Semeador* torna-se uma narrativa que sucede no estabelecimento de uma relação direta entre a falta de mudança ocorrida no passado com as consequências percebidas no presente. Neste caso, as mazelas da escravidão apresentam-se como centrais para a construção da narrativa por parte de Octavia Butler: O ciclo de erros que se repetem e a busca incessante por um salvador retratam uma realidade futurística americana em que sempre se está à espera de algo novo.

Ao longo da narrativa, a religião de Lauren trabalha com a ideia da capacidade de seres humanos moldarem o universo. Sendo assim, trabalhando para modificar o seu futuro e se desvincular da inércia trazida por um pensamento místico de um Messias aparecerá para salvar a todos. Na obra de Butler, se seres humanos não forem capazes de provocar mudanças, estarão fadados

a repetir os erros que geraram a sociedade catastrófica americana. Com isso, “Deus é Mudança’ é um convite para responder o medo com criatividade, produtividade e compaixão.” (TOS, 2012, p. 416, tradução nossa)¹⁷.

Portanto, a personagem de Lauren se destaca pelo seu protagonismo feminino negro acompanhado de sua construção religiosa. Ao formar a Bolota no final do livro, Lauren consegue colocar em prática seu ideal de esperança de uma sociedade melhor para os envolvidos. Mesmo que não encontre a terra de Bankole no cenário esperado, Lauren rapidamente se adapta a uma nova realidade e se prepara para o cotidiano a ser enfrentado no futuro.

NOTAS

- 1 Religion is everywhere. There are no human societies without it, whether they acknowledge it as a religion or not. So I thought religion might be an answer, as well as, in some cases, a problem. And in, for instance, Parable of the Sower and Parable of the Talents, it’s both. So I have people who are bringing America to a kind of fascism, because their religion is the only one they’re willing to tolerate. On the other hand, I have people who are saying, “Well, here is another religion, and here are some verses that can help us think in a different way, and here is a destination that isn’t something that we have to wait for after we die. (BUTLER, 2005)
- 2 Speculative fiction that treats African-American themes and addresses African-American concerns in the context of twentieth-century techno-culture – and, more generally, African-American signification that appropriates images of technology and a prosthetically enhanced future – might, for want of a better term, be called Afro-Futurism (DERY, 1994, p. 180)
- 3 Afrofuturism can be broadly defined as “African American voices” with “other stories to tell about culture, technology and things to come.” (NELSON, 2002, p. 9)
- 4 sci-fi imagery, futurist themes, and technological innovation in the African diaspora. (NELSON, 2002, p. 9)
- 5 ‘dystopia’ was defined as ‘an unhappy country’. (CLAEYS, 2017, p. 273)
- 6 Dystopias are not reducible to the history of ideas, then. (CLAEYS, 2017, p. 273)
- 7 how to control industrialization, widespread poverty, the concentration of wealth, and an increasing tendency towards collectivist solutions to these issues (CLAEYS, 2017, p. 274)
- 8 The traditional dystopia was an extrapolation from the present that involved a warning. (SARGENT, 1994, p. 8)
- 9 a non-existent society described in considerable detail and normally located in time and space that the author intended a contemporaneous reader to view as considerably worse than the society in which that reader lived. (SARGENT, 1994, p. 9)
- 10 Dystopia might then logically involve some inversion of these qualities, a ‘social nightmare’ for a large number of people, or a text which readers regard with alarm rather than hope. (CLAEYS, 2017, p. 280)
- 11 In a hypermale sci-fi space where science and technology dominate, Butler provided a blueprint for how women, particularly women of color, could operate in these skewed realities and distant worlds. Butler set the stage for multidimensional black women in complex worlds both past and present, women who are vulnerable in their victories and valiant in their risky charge to enlighten humanity. (WOMACK, 2013, p. 110)
- 12 Moreover, I see this trajectory of thought as consistent with the argument of womanist religious scholar Linda E. Thomas, that not only must the future of Black theology involve greater attention to gender and sexual politics, but also that Black theology must be a theology of liberation for Black youth. (MCCORMACK, 2016, p. 9)
- 13 Along these lines, Afrofuturism calls for more serious consideration of not only the songs and narratives of “ancestors” and “elders,” but also the cultural productions, technological innovations and socio-political struggles of Black youth, and yet-to-be-born generations. (MCCORMACK, 2016, p. 8)
- 14 The dystopian United States of 2024 is a utopia for those who advocate a small government, low taxes, an unregulated market, unimpeded corporations, unchecked wealth and power, and the devaluing and denigration of political life and public projects. (STILLMAN, 2003, p. 17)
- 15 This is what Butler attempts to show readers: that for the modern population, slavery can only exist in dystopia, thus blinding people from the reality of its existence in contemporary reality. (HODGE, 2020, p. 2)
- 16 She was on the slaveholders’ most wanted list with reportedly a steep price on her head. Posters with a description of “Moses,” as she was called, were prominently plastered throughout the upper South until the Civil War broke out. (CLINTON, 2004, p. 8)
- 17 “God is Change” is an invitation to respond to fear with creativity, productivity, and compassion. (TOS, 2012, p. 416)

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA Sagrada. Bíblia Sagrada: Antigo Testamento e Novo Testamento. Almeida Corrigida Fiel (ACF). São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil (SBTB), 2007.
- BUTLER, Octavia. *A Parábola do Semeador*. Trad. Carolina Caires Coelho, São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.
- _____. Science Fiction Writer Octavia Butler on Race, Global Warming and Religion. **Democracy Now**. Novembro, 2005. Disponível em <https://www.democracynow.org/2005/11/11/science_fiction_writer_octavia_butler_on>. Acesso em 5 de Setembro de 2021.
- CLAEYS, Gregory. *Dystopia: A Natural History*. New York: Oxford University Press, 2017.
- CLINTON, Catherine. *Harriet Tubman: The Road to Freedom*. New York: Little, Brown and Company, 2004.
- DERY, Mark. “Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose”. *Flame wars*. In: The discourse of cyberculture. Durham e Londres: Duke University Press, p. 179-222, 1994.

HODGE, Patricia Mary. The Contemporary Dystopian Reality of Slavery and Modern

Capitalism in Octavia Butler's Parable Novels. *Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities*. In: Special Conference Issue, Vol. 12, No. 5, (2020). 1-7, 2020.

MCCORMACK, M. B. "Your God is a Racist, Sexist, Homophobic, and a Misogynist... Our God is Change": Ishmael Reed, Octavia Butler and Afrofuturist Critiques of (Black) American Religion. *Black Theology*, vol.14:1, 6-27, 2016.

NELSON, Alondra. Introduction: Future Texts. *Social text* 71, v. 20, n. 2, p. 1-15, summer, 2002.

SARGENT, Lyman Tower. The Three Faces of Utopianism Revisited. *Utopian Studies*, Vol. 5, No. 1 (1994), pp. 1-37, 1994.

STILLMAN, Peter G.. Dystopian Critiques, Utopian Possibilities, and Human Purposes in Octavia Butler's Parables. *Utopian Studies*, Vol. 14, No. 1 (2003), pp. 15-35. 2003.

TOS, Phillip. H. Fear and the Spiritual Realism of Octavia Butler's Earthseed. *Utopian Studies*, Vol. 23, No. 2 (2012), pp. 408-429. 2012.

WOOD, Matthew. "Politicisation, depoliticisation and anti-politics: towards a multilevel research agenda." In: *Political Studies Review*. Vol. 14, n. 4. pp. 521-533, 2016.

WOMACK, Ytasha L. *Afrofuturism: The World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture*. Chicago: Laurence Hill Books, 2013.

OS AUTORES

Eduardo Marks de Marques é professor Associado III de Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal de Pelotas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3067-7237>.
E-mail: eduardo.marks@ufpel.edu.br

Anderson Luis Brum de Freitas é Licenciado em Letras – Português e inglês, pela Universidade Federal de Pelotas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2742-8069>.
E-mail: andersonbrumf@gmail.com

